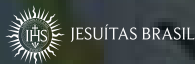


Cadernos

IHU *ideias*



Ano 13 • nº 223 • vol. 13 • 2015 • ISSN 1679-0316



Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão

Jesús Conill Sancho

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão

Frameworks and ethical tools of management technologies

Jesús Conill Sancho
Universidade de Valência, Espanha

Resumo

Procura-se mostrar que a razão técnica não é inimiga da razão ética, mas que a transformação moderna da ciência e da técnica em tecnociências impôs, por seu enorme poder material e simbólico, valores que, para que sirvam à autêntica humanização, devem ser enquadrados em uma ética humanista da responsabilidade. E um modo para que esta ética moderna possa ser eficaz nas sociedades modernas é canalizá-la através das diversas éticas aplicadas e dos correspondentes profissionais, que não são meros técnicos, mas agentes sociais qualificados em cada campo, que estão capacitados para oferecer os bens que a sociedade necessita para proporcionar uma vida boa.

Palavras-chave: Ética, Tecnologia, Razão, Cultura moderna, Humanização, Valores, Responsabilidade, Éticas aplicadas, Profissões.

Abstract

This article tries to present that the technical reason is not an enemy of ethical reason, but that modern transformation of science and technology in technosciences imposed values that should be framed in a humanistic ethic of responsibility, that serves the authentic humanization. One way for this modern ethics to be effective in modern societies is to channel it through the various applied ethics and related professionals, who are not merely technical, but qualified social workers in each field who are equipped to deliver the goods society needs to provide a good life.

Keywords: Ethics, Technology, Reason, Modern culture, Humanization, Values, Responsibility, Ethics applied professions.

Cadernos
IHU *ideias*

**Os marcos e as ferramentas éticas
das tecnologias de gestão**

Jesús Conill Sancho

Universidade de Valência, Espanha

ano 13 • nº 223 • vol. 13 • 2015 • ISSN 1679-0316

Tradução de André Langer

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

www.ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIII – Nº 223 – V. 13 – 2015

ISSN 1679-0316 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: Lic. Áttila Alexius; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Lic. Áttila Alexius

Arte da capa: Patrícia Kunrath Silva

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .
v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

OS MARCOS E AS FERRAMENTAS ÉTICAS DAS TECNOLOGIAS DE GESTÃO¹

Jesús Conill Sancho

Universidade de Valência, Espanha

Introdução

O XIV Simpósio Internacional do Instituto Humanitas Unisinos – IHU propôs-se com bom critério tratar de um tema tão importante como o seguinte: “Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades”. Nele foram abordados os desafios, paradoxos e contradições da atual civilização tecnocientífica que a humanidade está vivendo. Porque, embora o desenvolvimento tecnocientífico tenha produzido uma crescente abundância de riquezas, superando-se a escassez pré-moderna e a economia de subsistência, o modo de administrar a vida ativa que a moderna tecnociência impôs acarreta ao mesmo tempo, de modo paradoxal, miséria, violência e incalculáveis estragos na vida do planeta. É verdade que houve conquistas verdadeiramente admiráveis no próprio desenvolvimento tecnocientífico, especialmente por suas benéficas repercussões sobre a qualidade de vida das pessoas e sobre a cultura; mas também foram postos em marcha dinamismos cada vez mais poderosos que manipulam e instrumentalizam as pessoas. Como se dizia na Apresentação do Simpósio, a civilização tecnocientífica é uma grande conquista da humanidade, mas é inseparável de suas contradições. Por conseguinte, encontramos em uma encruzilhada para a liberdade. Que atitudes adotar em relação às revoluções tecnocientíficas e sua força de arrasto? Conscientes da importância da tecnociência para a vida social, profissional e pessoal, convém refletir criticamente sobre o sentido das transformações sociais que estão em andamento em decorrência do crescente desenvolvimento das tecnociências.

¹ Este estudo insere-se no Projeto de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico FFI2013-47136-C2-1-P, financiado pelo Ministério da Economia e Competitividade, e nas atividades do grupo de pesquisa de excelência PROMETEO/2009/085 da Generalidade Valenciana, Espanha. Este artigo é a íntegra da conferência proferida pelo Prof. Dr. Jesús Conill para o Instituto Humanitas Unisinos – IHU no XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, no dia 21 de outubro de 2014.

1. A transformação da ciência e da técnica

Convém começar recordando uma ideia básica da nossa cultura ocidental, embora muitas vezes tenha ficado esquecida, e que é a seguinte: “Homero criou o humanismo e o humanismo criou a ciência como um esforço do homem para ajudar-se a si mesmo”. Para que pode servir relembrar este pensamento? Para nos darmos conta de que, em princípio e em sua raiz, não há conflito entre a ciência e o humanismo, entendido este como o cultivo da melhor forma de vida humana.

Uma ideia que segue vigente, embora nem sempre reconhecida como deveria, como deixaram claro alguns estudiosos atuais, que seguem insistindo em que “a ciência nasceu no interior da cultura ocidental” e em que “a ciência é cultura”², portanto pertence ao mundo do humano e faz parte do mesmo. A ciência deve ser entendida, pois, como “ação humana”³, no horizonte da vida humana e de seu contexto social.

Este enfoque humanista da ciência e da técnica encontramos desenvolvido no mundo grego clássico. Ciência e técnica são formas de saber, isto é, são formas do *logos*, que estão integradas ao conjunto da vida humana. Um *logos* que busca expressar a ordem da realidade mediante dois registros, o físico e o ontológico. Nesse contexto de confiança em uma ordem da natureza (*physis*) e do ser, a ciência é a *episteme* e a *techne*, traduzida por arte (*ars*) ou técnica, consiste em “saber fazer”, um saber produtivo. Mas todos os saberes têm sentido somente se estiverem radicados em um “*ethos*”, em cujo âmbito o modo de usar a razão tem a forma da “*phrónesis*”, que se traduziu por “prudência” e que conforma a razão prática neste âmbito grego. É com ela que levamos adiante o nosso possível modo de vida feliz, mediante a *eupraxia*, na ordem ético-político-econômica de caráter comunitário, ligada à ordem natural. Aqui encontramos uma conciliação de todos os saberes, com o propósito de viver bem e possibilitando uma unidade de vida. Não basta o cálculo e a dedução do saber científico, nem a habilidade instrumental do saber fazer técnico, mas é preciso cultivar mediante a educação (*paideia*) um sentido compartilhado do bem (entendido, em última instância, como *eudaimonia*) e da justiça, sem o qual não é possível uma autêntica convivência.

Este *logos* é o traço peculiar do animal humano, que é aquele animal que tem *logos*, uma capacidade pela qual está em condições de compar-

2 MURILO, Idefonso. “El fundamento trascendente de la ciencia”. In: EZCURRA, Alicia Villar; ORANTOS, Antonio Sánchez (eds.). *Una ciencia humana*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2014, pp. 335-344.

3 MARCOS, Alfredo. “El pulso de la ciencia”. In: EZCURRA, Alicia Villar; ORANTOS, Antonio Sánchez (eds.). *Una ciencia humana*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2014, pp. 169-182.

tilhar com os outros o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto, do conveniente e do inconveniente. Portanto, é um animal que é capaz de conviver em comunidade (*koinonia*) e na cidade (*polis*) como forma dessa comunidade. É por isso que o homem foi considerado um “animal político (*politikón*)”, ou seja, cívico e social em sentido especificamente humano. No exercício dos saberes do *logos* que têm a ver com a produção (*poiesis*) e a ação (*praxis*), fundamentais para viver bem e para conviver, a razão prática deve cumprir suas tarefas de deliberação e de escolha, pois o homem não tem outro remédio senão escolher para fazer a sua vida; e, para escolher bem, o que é mais difícil do que parece, deve-se deliberar, o que também não é nada fácil. Além disso, a escolha não é feita no vazio, mas entre os nossos desejos e as nossas possibilidades. Portanto, se se quer escolher bem, deve-se saber conciliar a razão, isto é, o *logos*, em sua dupla versão de *techne* e de *phrónesis*, conforme a uma ordem natural e comunitária, que está orientada para o bem comum.

Se nos atemos à ordem clássica, parece que o *logos* da ciência e da técnica não apenas faz parte da humanização, mas constitui o órgão humanizador por antonomásia. Mas esta ordem parece ter-se alterado. Já não sentimos que os saberes, em especial a ciência e a técnica, estejam a serviço da humanização. Algo aconteceu conosco, que mudou o significado que se vive da transformação da ciência e da técnica em nosso mundo. Para compreender o que aconteceu e compreendermos a nós mesmos, teremos que prestar atenção no processo que se viveu e se está vivendo, ou seja, como o expressava Luiz Rohden, é preciso considerar que a presença da técnica na vida é “*path dependent*”⁴.

Ao prestar atenção no marco histórico e sociocultural das ferramentas éticas em relação às tecnologias, descobrimos que no mundo moderno e contemporâneo produziu-se uma profunda transformação no modo de entender tanto a razão técnica como a razão ética. O desenvolvimento dos saberes conduziu a uma cisão da unidade do saber e a uma mudança de seu significado para a vida humana. Por um lado, a tecnologia parece ser uma expressão da racionalidade humana, mas, por outro lado, surgiu a preocupação em relação a se seu desproporcional desenvolvimento não vai contra a sua pretensão inicial, a de contribuir para a humanização. Segue-se promovendo a humanização através do processo histórico da crescente e polifacética tecnologização da vida humana? Não se sente um certo antagonismo entre tecnologização e humanização?

4 Termo utilizado por Luiz Rohden em sua intervenção durante o colóquio sobre estes assuntos na Unisinos.

De fato, produziu-se um antagonismo entre os saberes e há tempos que se vem falando que o nosso mundo se dividiu de modo irreconciliável em “duas culturas” (ver Snow e Adela Cortina⁵) e da crise (mortal?) das humanidades e do humanismo como tal. Um clima alimentado mais recentemente pelos defensores do transumanismo e do pós-humanismo, que chegou a se converter, em determinados setores, em movimentos intelectuais com importantes implicações sociais. Esta linha de transformação da técnica exige pensar mais concretamente sobre o que aconteceu conosco histórica e culturalmente, em que consiste realmente a técnica, se a tecnologia (o saber tecnológico) é autossuficiente e pode substituir as humanidades, se a tecnologização é por si mesma simplesmente humanizadora, ou se necessita recorrer a outros saberes e orientações, se a sua capacidade invasiva da vida inteira constitui um “destino” e um “progresso”, ou se apresenta o perigo de abrir um processo de crescente desumanização (mesmo quando no momento esteja disfarçada). Porque, ao contrário dos outros seres, por exemplo, do tigre, que não pode ‘destigrar-se’, o homem pode desumanizar-se.⁶ Em todo caso, a transformação da ciência e da técnica em tecnociências⁷ e a colocação em marcha da crescente tecnologização da vida levam a propor novamente a difícil questão da “natureza humana” e qual é o “lugar” do homem no cosmos, no mundo e na realidade.⁸

Como vimos, no horizonte da ordem clássica existe uma harmonia de fundo entre as diversas formas de exercer a razão; portanto, não é necessário que haja uma colisão entre técnica e humanização. Mas a transformação moderna e contemporânea converteu esta relação em um autêntico problema, que ainda não soubemos resolver de modo satisfatório para a vida humana e a convivência. Porque não é fácil determinar de modo convincente o que nos torna mais e melhores humanos, ou transumanos e/ou pós-humanos. Em que consiste humanizar? O que significa “melhora” humana? Em proporcionar mais bem-estar ou em conquistar mais liberdade (mediante a libertação da pobreza e das tiranias)?

2. Mudança moderna do sentido da ciência e da técnica

Houve uma mudança do marco histórico e cultural da ciência e da técnica, segundo a qual se converteram em tecnociências. Inclusive nos

5 C.P. Snow, *Las dos culturas y la revolución científica*, Alianza, Madrid, 1977; Adela Cortina, “La fecundidad de las Humanidades”, en *Mediterráneo Económico*, 26 (2014), pp. 99-107.

6 Um exemplo dado por José Ortega y Gasset.

7 Convergência NBIC (nano-bio-info-cogno) tecnologias.

8 Max Scheler, Arnold Gehlen, Xavier Zubiri, Diego Gracia.

programas e projetos de pesquisa dos organismos oficiais, tanto nacionais como internacionais, afirma-se com toda normalidade que estamos em uma cultura tecnocientífica ou científico-técnica.

Neste novo marco as tecnociências aumentaram exponencialmente o seu poder de fato e simbólico, enquanto poderosas forças de produção, como nova ideologia (formadora de uma cosmovisão e inclusive do horizonte utópico para a vida humana) e como uma tecnorracionalização com presunção de eficiência através da tecnocracia (o poder dos técnicos, expertos e especialistas em todos os campos) e da tecnoestrutura (a conformação da sociedade através de suas instituições).

Estamos em uma época em que a técnica configura a vida.⁹ Pode-se chegar a ter a sensação de que tudo foi produzido, já que estamos rodeados de artefatos e parece que a *physis* ou a *natura* tenha se esfumado. Certamente vivemos submetidos a uma crescente artificialização e tecnificação da vida. No marco contemporâneo, a técnica já não significa uma revelação do Ser¹⁰, nem mesmo um processo de originação; o que importa é sua força de produção. As coisas são pelo que valem como fatores de produção e, portanto, a verdade, aqui, não consiste no desvelamento ou na revelação, mas na factibilidade.

No novo modo de entender a técnica, em sua forma de saber e de racionalidade, opera um interesse de domínio e dominação¹¹, que costuma relacionar-se não apenas com o “voluntarismo da razão” desde as origens da modernidade, mas também com alguns de seus peculiares desenvolvimentos, como aquele expressado mediante a nietzschiana “vontade de poder”. Instaure-se o predomínio da razão técnica e seu caráter instrumental, isto é, a tecnorracionalização, que se converte em ideologia e horizonte utópico, porque nela parece expressar-se a liberdade no novo cenário histórico, o poder-querer e o poder-fazer.

No entanto, no marco histórico e cultural em que se produziu esta hegemonia das tecnociências, não se conta com uma ordem natural e comunitária compartilhada, mas a ausência de uma tal ordem comum conduziu àquilo que Max Weber denominou de “politeísmo axiológico”¹².

9 ENTRALGO, Pedro Laín. “Respuesta a la técnica”, *Lecciones Magistrales*, Universidad Interamericana de Puerto Rico, Recinto Metropolitano, coordenado por Lillian Gayá e José Luis Colón, 2013, pp. 29-47.

10 HEIDEGGER, Martin. “La pregunta por la técnica”. In: *Conferencias y artículos*. Barcelona: Serbal, 1994, pp. 9-37.

11 SCHELER, Max. *Sociología del saber*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1973; APEL, Karl-Otto. *La transformación de la filosofía*. Madrid: Taurus, 1985, 2 vols.; HABERMAS, Jürgen. *Ciencia y técnica como ideología*. Madrid: Tecnos, 1984; CORTELA, Adela. *La Escuela de Frankfurt. Crítica y Utopía*. Madrid: Síntesis, 2008.

12 CORTELA, Adela. *Ética Mínima*. Madrid: Tecnos, 1986.

O que impera é a racionalidade funcional dos meios em relação aos fins dados, mas não há nenhuma ordem compartilhada de fins e valores que possa impor-se à força das tecnociências. Há um vazio neste aspecto, em comparação com a concepção tradicional, baseada em uma ordem natural e comunitária da vida e da razão. A liberdade de poder-querer e poder-fazer se expressa em sua vertente racional por meio da tecnorracionalização. No entanto, na ordem prática dos valores e da ação moral e política impera a arbitrariedade expressada na noção weberiana, com a qual se quer dizer que não há valores compartilhados, mas também que não é possível raciocinar e argumentar sobre eles, de tal maneira que se possa chegar a estabelecer um marco de convivência.

Um componente da racionalidade científico-técnica hegemônica é que pressupõe, em certas ocasiões de modo explícito, mas em todo o caso implicitamente, que tanto o conhecimento tecnocientífico como a racionalidade técnica e a tecnocracia como tais têm a peculiaridade de estar isentas de valores, isto é, pressupõe-se que sejam axiologicamente neutras. Deste modo, criou-se o mito de que a ciência e a técnica estão livres de valores (*wertfrei*), uma falsa ilusão positivista e tecnocrática, com enorme relevância e impacto social. Uma consequência deste modo de entender o conhecimento científico-técnico é acreditar que se trata de um conhecimento objetivo, pelo fato de manter os próprios valores à margem da pesquisa. A neutralidade axiológica seria uma garantia para ter acesso, mediante o conhecimento, a um “ser objetivo” e, mediante a razão instrumental, para alcançar mais bem-estar.

Segundo Hans Jonas, devemos ter presente aqui dois aspectos: o metodológico e o ontológico.¹³ O primeiro consiste em eliminar a subjetividade valorativa em favor da suposta objetividade; o segundo consiste em pensar que só é possível chegar a um juízo objetivo sobre a natureza das coisas prescindindo dos valores. Portanto, incluí uma tese sobre o estatuto do valor, porque pressupõe que este tem sua sede exclusivamente nos sujeitos valoradores, mas que não pertence ao ser objetivo das coisas.¹⁴ Na natureza das coisas não poderia existir a diferença entre bom e mau, mas apenas fatos rigidados pela causalidade.

Na ciência natural moderna separa-se a causa final do estudo da natureza. A carência de finalidade implica carência de sentido.¹⁵ O sentido seria dado e posto por nós, mas a natureza não teria fins objetivos próprios. Em consequência, “pode-se fazer tudo” à natureza, há carta branca

13 Ver JONAS, Hans. *Técnica, medicina y ética. Sobre la práctica del principio de responsabilidad*. Barcelona: Paidós, 1997.

14 *Ibidem*, pp. 55 e ss.

15 *Ibidem*.

para o poder tecnológico, que não tem por que respeitar nada, porque não há nenhuma ordem natural a ser respeitada, portanto nenhuma normatividade ínsita na natureza. Outras consequências são que se abre um abismo entre o ser e o dever ser, e que os valores não poderiam de modo algum ser ancorados em nenhuma ordem do ser objetivo, mas se produziriam apenas arbitrariamente a partir da subjetividade, criando-se assim a esfera fictícia dos valores. Com esta tese joga a noção, antes aludida, do “politeísmo axiológico”.

Como e por que o homem avalia e estabelece fins? A resposta habitual, que Jonas considera insuficiente, é a seguinte: por um processo natural que é neutro e carente de [autênticos] valores, ou seja, por instinto de sobrevivência e por medo, por instinto sexual e reprodutor, por ânsia de prazer e de poder, por impulso social, etc. E todos eles sancionados pelo êxito evolutivo da sobrevivência, fruto do “acaso e da necessidade”, ou seja, por dinamismos na ordem de um “é”, mas sem nenhum “dever” e sem nenhum valor objetivo. Desde esta concepção científico-técnica convertida em cosmovisão, o homem, como produto da natureza, ficaria reduzido a um objeto natural, portanto neutro em relação a possíveis valores objetivos.

Esta imagem reducionista do homem como um objeto natural sem finalidade intrínseca, segundo Hans Jonas, é o resultado de um determinado modelo de conhecimento, que é muito problemático. Trata-se de uma interpretação deficiente, porque deixa de lado o fenômeno da subjetividade e todo o seu mundo (pretensões, significados, sentimentos, aspirações, finalidades, interesses, sentido vital, etc.). No mínimo, também seria preciso reconhecer que esse mundo da subjetividade brota dos dinamismos da natureza¹⁶ e, portanto, exige-se uma peculiar consideração do mesmo. Isso porque, se nos atemos ao meramente natural, segundo Jonas, até mesmo os organismos cerebrais poderiam ser autômatos cibernéticos carentes de subjetividade e poderiam ter prosseguido sem sua “dimensão interior”, porque seriam alheios ao significado e não se importariam com nada além do seu funcionamento. Mas o ser humano sempre se importa com o seu próprio ser, o seu ser mesmo, sua intimidade; esse “excedente”, que não se reduz a um epifenômeno natural, consiste na capacidade de subjetividade e de interioridade. Esta dimensão abre a possibilidade de explicar a existência da ciência natural e da técnica, que não se explicam por si mesmas e, por outro lado, permite que emerja algum tipo de obrigação para com a natureza (por exemplo, a de sua con-

16 Ibidem, p. 59. Ver também, a este respeito, as contribuições de José Ortega y Gasset e de Xavier Zubiri.

servação e cuidado)¹⁷, em virtude da descoberta de seu valor (incluindo o ser humano e seu futuro), que é aplicável, no seu caso, ao poder das tecnociências.

Na minha opinião, o que se produziu com a hegemonia da razão instrumental através das tecnociências não é uma neutralização dos valores, mas uma transvaloração.¹⁸ Neste ponto creio que é muito fecundo o pensamento de Nietzsche para interpretar o dinamismo histórico-cultural da época da ciência e da técnica. Se colocarmos em marcha uma hermenêutica genealógica com respeito à racionalidade tecnológica, descobriremos as estimativas de valor, os instintos, os interesses, as crenças e os preconceitos que estão possibilitando o exercício de tal tipo de racionalidade, os dinamismos que há por trás de suas interpretações e valorações, mais além da suposta objetividade isenta de valores. O que se impõe através do poder das tecnociências não é a ausência de valores, mas outros valores, que atraem mais, que têm mais vigor, mais força, em suma, que valem mais. Agora predomina o valor da eficiência e do bem-estar; é o que se valora primordialmente.

Não obstante, há aqueles que alertaram para os perigos aos quais nos conduz o “destino” do poder da técnica. Por exemplo, para Heidegger, a tecnificação do mundo e da vida ameaça asfixiar aquilo que outorga dignidade, com a técnica se avizinha a noite e “um inverno sem fim”.¹⁹ Devemos nos deixar levar por este pessimismo diante da técnica, ou poderia aplicar-se o próprio *dictum* de Hölderlin, citado por Heidegger, de que “ali onde cresce o perigo cresce também a salvação”? A partir destas “sibilinas palavras” (como as considera Laín), que apenas sugerem, mas nada propõem, é possível abrir algum caminho promissor para enfrentar a criatividade e o poder da técnica em nosso mundo?

Na minha opinião, como bem disse Laín²⁰, a técnica começa sendo a resposta criativa do homem a uma necessidade inerente à condição humana: a deliberada modificação do mundo para obter resultados que melhorem a vida do homem. Esta visão que Laín oferece não se situa na

17 JONAS, Hans. *Técnica, medicina y ética. Sobre la práctica del principio de responsabilidad*. Barcelona: Paidós, 1997, p. 60-61.

18 Cf. CONILL, Jesús. *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Tecnos, 1997. Prólogo de Pedro Laín Entralgo.

19 Cf. HEIDEGGER, Martin. *Die Frage nach der Technik*; ENDRALGO, Pedro Laín. “Respuesta a la técnica”.

20 ENTRALGO, Pedro. “Respuesta a la técnica”.

linha heideggeriana, mas prossegue a concepção da técnica oferecida por José Ortega y Gasset e Xavier Zubiri.²¹

A reflexão sobre a técnica serve para compreender melhor o ser humano e oferecer uma resposta potencialmente humanizadora nesta época radicalmente marcada pelas tecnociências. O que significa, atualmente, “ser humano” e “natureza humana”? Há algo normativo na natureza? São o naturalismo e o tecnicismo capazes de justificar algo como a dignidade humana, como instância axiológica e/ou normativa? Impõe-se passar a uma posição transumana e/ou pós-humanista, como alguns propõem? É realmente possível naturalizar e tecnificar tudo? Até mesmo a liberdade e a responsabilidade? Não devemos ultrapassar o enfoque da objetivação e da instrumentalização, dado que, em último caso, nos movemos sempre entre as diferentes interpretações e autocompreensões do humano?

3. Ferramentas éticas para as tecnologias de gestão

A principal ferramenta é oferecer uma concepção moderna da ética, que seja capaz de compreender e orientar o mundo da tecnologia com suas peculiares características. É necessário introduzir uma perspectiva ética que jogue luz e capacidade crítica sobre a própria razão, para colocar em marcha outras versões e outros usos da razão, que não se reduzem ao técnico e instrumental, porque este é insuficiente e não é adequado para fomentar os valores próprios de uma razão integral, de caráter experiencial, comunicativo e cordial.²²

3.1. Ética da responsabilidade e éticas aplicadas

A ética nos situa no reino das possibilidades, esse âmbito em que as pessoas devem tomar decisões e podem configurar para si um caráter (*ethos*) ou outro; ou, dito com palavras mais ao gosto dos modernos, no reino da liberdade, que, por mais condicionada que esteja e, portanto, tenha que ser colocada “em condições”, segue sendo liberdade. Seja como reino das possibilidades ou como campo da liberdade a ética contemporânea tenta descobrir e incorporar a dimensão moral no contexto dos dinamismos que constituem a sociedade em que vivemos, configurando-se como “ética da responsabilidade”, cujas características são as que seguem.

21 ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de la técnica*. Obras Completas. Madrid: Taurus, 2006, vol. V, pp. 551 e ss.; ZUBIRI, X. *Sobre el hombre*. Madrid: Alianza, 1986; CONILL, Jesús. *El enigma del animal fantástico*. Madrid: Tecnos, 1991.

22 CORTINA, Adela. *Ética de la razón cordial*. Oviedo: Nobel, 2007.

Em primeiro lugar, não se trata de uma mera ética individual, por um lado, porque se abre ao âmbito social, às instituições e profissões, por exemplo, ao mercado e ao Estado no âmbito econômico. Mas, por outro lado, porque a ética pessoal, que segue sendo fundamental, não deve ser confundida com o sentido restritivo do individual, já que a pessoa incorpora ingredientes relacionais (ligações, vínculos), sem os quais não se constitui como tal. E, além disso, as pessoas fazem suas vidas e realizam suas atividades profissionais em meio a uma complexa trama social de organizações e instituições.

Em segundo lugar, a ética de que tratamos não se limita ao campo do desinteressado, senão que incorpora também os interesses e valores vigentes, mas se propõe a averiguar que interesses são mais ou menos legítimos, ou como devem ser ordenados e hierarquizados. Esta ampliação não implica negar a possibilidade do comportamento “desinteressado”, mas seguramente quer dizer que tem interesses mais elevados ou de outra categoria, ou outras motivações ou sentimentos que consideramos superiores (o que é chamado de “supererrogatório”). Por conseguinte, a ética não se restringe ao âmbito do desinteressado, como se todo o mundo dos interesses fosse mau por natureza e inaceitável, mas servirá para avaliar moralmente também as condutas interessadas, porque todas as pessoas se movem de fato por interesses, sejam quais forem. O que resta saber é em que medida tais interesses são legítimos e em que medida os comportamentos podem ser justificados moralmente.

Em terceiro lugar, a ética da responsabilidade que propomos também não é só uma ética da pura convicção ou de meros princípios, mas deverá levar em conta a crescente complexidade das nossas sociedades, a densidade e diferenciação do real, assim como as consequências e os riscos das ações e das decisões. Por isso, apresenta-se, em sentido estrito, como uma “ética da responsabilidade”, na qual é preciso mediar as convicções e os princípios com a complexidade da vida e as consequências das ações. Mas não devemos confundir este tipo de ética com uma atitude meramente estratégica e pragmática, como se fosse possível uma autêntica ética moderna sem convicções nem princípios, pois sem convicções e princípios não há autêntica responsabilidade. Portanto, seria melhor precisar que se trata de uma ética da “responsabilidade convencida”.²³

Convém esclarecer que, embora alguns tenham acreditado que a ética da responsabilidade é coisa dos políticos, dado que foi este o con-

23 CORTINA, Adela. *Ética aplicada y democracia radical*. Madrid: Tecnos, 1993.

texto em que Max Weber a propôs em seu tempo²⁴, isto seria excessivamente unilateral. Na realidade, as condições próprias da vida moderna, isto é, das sociedades crescentemente complexas e diferenciadas, exigem que o enfoque da responsabilidade seja aplicado em todas as ordens da vida humana. Todos aqueles que queiram que seus princípios e suas convicções morais sejam operacionais nos diversos âmbitos da nossa vida real e da convivência – que a cada dia que passa é mais complexa – deverão optar necessariamente pelo significado de uma ética da responsabilidade. Portanto, não apenas na política em sentido estrito, mas em tudo o que a nossa vida comporta, desde o mais pessoal até nas diversas ordens da vida pública; em suma, na totalidade da vida como pessoas, como cidadãos e como profissionais, exige-se um exercício pluridimensional da responsabilidade.²⁵

Este é o modelo de ética da responsabilidade que deve ser aplicado na época da ciência e da técnica, em que o poder das tecnologias é crescente em todos os âmbitos. Assim o propuseram, já há bastante tempo, clássicos da ética da responsabilidade como Karl-Otto Apel²⁶ e Hans Jonas, preocupados desde as décadas de 1960 e 1970 em encontrar uma fundamentação racional da ética na era da ciência e da técnica. Este impulso inovador da ética levou às éticas aplicadas²⁷, que são o modo como a ética enfrenta de modo plural e aplicado a cada campo as exigências éticas que as convicções e os correspondentes princípios iluminam. Mas a crescente tecnologização de todos os âmbitos da vida faz com que a aplicação da ética da tecnologia seja transversal a todos eles, mesmo quando em cada terreno haja suas peculiaridades específicas, quer seja nas biotecnologias (por exemplo, para os *cyborgs*) ou nas novas tecnologias da informação e da comunicação (para a infosfera e seus novos moradores, os *inforgs*).

3.2. Formação de profissionais, não apenas técnicos

Outra ferramenta ética para as tecnologias de gestão é a formação de bons profissionais, que não deve ser confundida com uma mera instrução técnica. Ser um bom profissional não é a mesma coisa que ser um técnico. A perspectiva ética exige ser profissional em seu autêntico

24 WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

25 CORTINA, Adela. *Ciudadanos del mundo. Hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid: Alianza, 1997; *Hasta un pueblo de demonios. Ética pública y sociedad*. Madrid: Taurus, 1998; *Alianza y contrato. Política, ética y religión*. Madrid: Taurus, 2001.

26 APEL, Karl-Otto. *Transformación de la filosofía*. Madrid: Taurus, 1985, especialmente o vol. II.

27 CORTINA, Adela; GARCÍA-MARZÁ, Domingo (eds.). *Razón pública y éticas aplicadas. Los caminos de la razón práctica en una sociedad pluralista*. Madrid: Tecnos, 2003.

sentido.²⁸ Segundo Adela Cortina, o profissional deve dominar sua arte e executá-la com capacidade e aplicação, aperfeiçoar suas técnicas, e que o faça a serviço das metas e valores da profissão, que consistem em proporcionar à sociedade um bem, sem o qual perderia algo precioso. O profissional esforça-se para conhecer as melhores técnicas, porque lhe importa prover a sociedade de assistência, de saúde de qualidade, educação, justiça ou informação, e sabe que para fazê-lo à altura da dignidade humana deve incorporar determinados valores e princípios sem os quais não terá êxito em sua ação. O bom profissional é aquele que aplica boas técnicas a boas metas.

O sentido da vida profissional nas profissões tradicionais implica, como virtude moral, um certo sentido aristocrático, mas reclama que essa “aristocracia” se universalize, que a grandeza dos melhores se estenda a todos, em vez de obrigar a todos esses a baixar o nível de suas aspirações universalizando a mediocridade. Não se constrói uma boa sociedade com medíocres, mas com aqueles que querem alcançar, se não a perfeição que é divina, ao menos o melhor de si mesmos, o que chamamos de “excelência”.²⁹

Uma boa sociedade é aquela em que as pessoas perseguem seus planos vitais a partir do respeito mútuo, compartilhando mínimos de justiça em cuja defesa se comprometem. Tal sociedade necessita de pessoas responsáveis no exercício de suas tarefas, conscientes de que seu trabalho é importante para o êxito comum, e que estejam dispostas a realizá-lo com seriedade e sentido de justiça; dispostas a apostar na excelência e a infundir confiança, que são dois pilares da boa sociedade.

Essas pessoas são aquelas que convivem em uma sociedade como cidadãos e como profissionais. Tradicionalmente, as profissões clássicas foram as de sacerdote, médico e jurista. Cada uma delas proporciona à humanidade um bem indispensável para a vida pessoal e social: o cuidado da alma, do corpo e da relação social.³⁰ Quem exerce essas profissões deve ter uma formação específica em cada caso para ingressar na profissão, além de se comprometer em proporcionar o bem correspondente, mais além do seu interesse egoísta, como meta da correspondente profissão.

28 CORTINA, Adela. *Ciudadanos del mundo*, 1997, cap. VII; CORTINA, A.; CONILL, Jesús (eds.). *Diez palabras clave en ética de las profesiones*. Estella: Verbo Divino, 2000; HORTAL, Augusto. *Ética general de las profesiones*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002; CORTINA, Adela. *¿Para qué sirve realmente la ética?* Barcelona: Paidós, 2013, cap. 7: “Ser profesionales, no sólo técnicos”.

29 Adela Cortina e Diego Gracia.

30 GRACIA, Diego. *Fundamentos de bioética*. 2. ed. Madrid: Triacastela, 2007, pp. 50 ss.

Deve-se a isso o fato de Durkheim ressaltar que a ética profissional contribui para superar o individualismo e o atomismo das sociedades modernas³¹, que são sociedades nas quais se pressupõe que há tentativas de rebaixar a moral do nível convencional, de que fala Lawrence Kohlberg³², e se abrem ao nível pós-convencional, ou seja, regem-se por princípios universais, que afetam a humanidade em seu conjunto. Isto transforma a deontologia profissional tradicional e obriga os profissionais a terem em conta todas as possíveis pessoas afetadas por sua profissão, no nível local e global, superando o perigo da solidariedade grupal em forma de “corporativismo”. Mas também é preciso superar outro possível perigo: a tendência ao estatismo que se encontra na maneira que Durkheim tem de compreender a moral cívica como o conjunto dos deveres de lealdade e serviço ao Estado³³, quando, na verdade, a moral cívica (ou ética cívica) não é uma questão estatal, mas cívica. A moral cívica consiste no conjunto de valores compartilhados pelos diferentes grupos de uma sociedade pluralista, que permite conviver, isto é, que tem mínimos éticos compartilhados pelas diversas éticas de máximos³⁴, que servem de marco público e de orientação para a nova vida profissional moderna.

A vida profissional é uma das vias pelas quais a sociedade civil pode assumir seu protagonismo e resistir tanto ao abandono de responsabilidades por parte dos cidadãos como à sua perigosa absorção pelo Estado. Isto porque em qualquer um de ambos os casos se produz uma profunda desmoralização social, em termos de falta de confiança mútua e perda de cooperação social com autêntica qualidade humana. Daí a necessidade de revitalizar a sociedade civil através do vigor das profissões.³⁵

Concluindo, as profissões são um caminho para viabilizar e operacionalizar a razão prática nas complexas sociedades atuais, marcadas pela cultura científico-técnica e pelo crescente poder das tecnociências. Porque não se trata de rejeitar as contribuições do progresso científico e técnico, mas oferecer um marco ético e profissional que dê o devido sentido a todas as atividades humanas, que, atualmente, estão sendo

31 DURKHEIM, Émile. *Professional ethics and civic morals*. London: Routledge and Kegan Paul, 1957.

32 KOHLBERG, Lawrence. *Psicología del desarrollo moral*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992; HABERMAS, Jürgen. *Conciencia moral y acción comunicativa*. Barcelona: Península, 1985; APEL, Karl-Otto. *Diskurs und Verantwortung. Das Problem des Übergangs zur postkonventionellen Moral*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1988.

33 DURKHEIM, Émile. *Professional Ethics and Civic Morals*, caps. I, II e III.

34 CORTINA, Adela. *Hasta un pueblo de demonios. Ética pública y sociedad*. Madrid: Taurus, 1998, cap. VII; *Alianza y contrato. Política, Ética y Religión*. Madrid: Trotta, 2001, cap. 9.

35 CORTINA, Adela (coord.). “La responsabilidad ética de la sociedad civil”, *Mediterráneo económico*, nº 26, Cajamar, 2014.

transformadas pela crescente tecnologização em todas as ordens da vida. Porque todos estes novos dinamismos não deveriam ser alheios a um marco de humanismo ético moderno, formado não apenas pelas aspirações ao bem-estar trazidas pelo poder da razão técnica, mas também pelas exigências de liberdade e de justiça reclamadas pela razão ética.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O crescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaiá
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando o Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de modelos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowa e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodani
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Fejerabend* – Miguel Ángelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Ellul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Fejerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Fejerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato



Jesús Conill Sancho estudou nas Universidades de Valência e de Munique. Catedrático de Filosofia do I.N.E.M. em 1976. Atualmente é catedrático de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valência (Espanha). Fez pesquisas nas Universidades de Munique, Bonn, Frankfurt am Main, St. Gallen e Notre Dame. Membro da Fundação ÉTNOR (Ética dos Negócios e das Organizações) e do Seminário de Pesquisa Xavier Zubiri. Professor visitante em diversas universidades europeias e latino-americanas.

Algumas obras do autor

CONÍLL SANCHO, Jesús. *El tiempo en la filosofía de Aristóteles*. Valencia: Edilva, 1981.

_____. *El crepúsculo de la metafísica*. Barcelona: Anthropos, 1988.

_____. *El enigma del animal fantástico*. Madrid: Tecnos, 1991.

_____. *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Tecnos, 1997.

_____. *Horizontes de economía ética. Aristóteles, Adam Smith, Amartya Sen*. Madrid: Tecnos, 2004.

_____. *Ética hermenéutica. Crítica desde la facticidad*. Madrid: Tecnos, 2006.

Outras contribuições do autor

CONÍLL SANCHO, Jesús. *A manutenção da subjetividade humana diante do impulso tecnocientífico instrumental*. [20/10/2014]. Revista IHU On-Line, nº 456. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Márcia Junges e Ricardo Machado. Tradução: André Langer.



UNISINOS